

“O último elo da corrente”:* uma experiência de redução de risco na Association Espoir de la Goutte D’Or

Kátia Sento Sé Mello

Introdução

Jamais poderíamos ter visto a luz do dia se outros antes de nós não tivessem, por causa da epidemia, colocado a saúde comunitária no centro da política de saúde pública, e o homem no centro da dinâmica da saúde. Sem a mobilização da comunidade gay, sem a criação da AIDES, da ASUD e outras, nós não teríamos existido... Para nós, o conceito de redução de risco, aplicado como política global de prevenção, impõe-se como a única resposta possível. A epidemiologia contabiliza os mortos, jamais os vivos (Jean-Marc Priez, ex-presidente de Techno +)¹.

Abordar o assunto referente às drogas não é simples. Geralmente rodeado de tabus ou de prescrições repressivas e punitivas, a questão das drogas depara-se, mais do que com o problema da saúde física e psíquica, com uma questão moral, mais ainda, com valores e estigmas que são atribuídos àqueles que fazem uso delas (Misse, 1999 e 2006). O álcool, por exemplo, apesar de produzir efeitos de risco nos círculos dentro dos quais os indivíduos que se tornam dependentes estão inseridos, não é conside-

rado droga ilícita. Seria isso devido a um provável resquício da representação do álcool como componente ritual litúrgico? Em países como o Brasil e a Inglaterra, por exemplo, não é possível negar o fato de que o álcool tem um papel importante na sociabilidade dos indivíduos. No entanto, não é considerado ilícito e nem aquele que o consome um criminoso. E, se no Brasil de outrora a bebida alcoólica estigmatizava o consumidor como bandido, esta situação não vigora nos dias atuais. É igualmente do reconhecimento de todos que a Lei Seca, implantada nos Estados Unidos em 1919, ao invés de proteger os cidadãos dos riscos gerados pelo consumo excessivo do álcool, produziu a constituição de grupos que praticavam o tráfico de bebidas alcoólicas ao longo dos 14 anos em que vigorou.

Isso significa que a proibição das drogas – sejam elas lícitas ou ilícitas — não tem contribuído para a redução do seu consumo nem para a melhoria das condições de vida da população “vulnerável”. Ao contrário, as políticas proibitivas e repressivas, ao tratarem o consumidor como criminoso e ao criminalizar determinadas substâncias, parecem criar condições objetivas de constituição da criminalidade.

Embora a mídia freqüentemente faça apelo público relacionando o uso de drogas com a violência e o tráfico, parece necessário contextualizar o assunto, bem como trazê-lo ao debate público, resgatando as experiências concretas voltadas para o problema de uma maneira inovadora. Cabe destacar que este não é um problema isolado, mas vem sendo constituído no seio de um debate que extrapola tanto fronteiras nacionais como fronteiras profissionais e de grupos sociais, bem como aponta para a necessidade de se pensar o problema no âmbito da saúde pública.

A Associação Espoir de la Goutte d’Or, localizada no norte de Paris, foi fundada em 1987 e dirige o seu trabalho para usuários de drogas, notadamente de crack. Neste artigo pretendo apresentar uma reflexão preliminar das práticas de redução de risco adotadas pelos membros desta equipe e o questionamento que impõem ao ideal de uma sociedade que se representa como republicana.

Para realizar esta reflexão tomei por base a etnografia do espaço desta associação, bem como as entrevistas que foram concedidas a mim tanto por alguns de seus membros como por usuários com quem tive oportunidade de conversar ao longo dos meses em que freqüentei a EGO.

Considerações sobre a noção de “redução de risco” e os seus dilemas perante a lei

Apesar da abrangência das práticas e domínios recobertos pela noção de “redução de risco”, parece haver uma concordância de que a lógica que as norteiam estão referidas à interdisciplinaridade e à consciência do problema como da ordem da saúde pública. Isto quer dizer que não se trata somente de um assunto de polícia, mas de um assunto que envolve um conjunto de atores sociais e idéias que enfatizam a prevenção e a consideração de diversos aspectos da vida e dos contextos social, político, econômico e cultural nos quais se inserem os usuários de drogas.

Nesse sentido, a Associação EGO parece um bom exemplo para pensar a questão, a começar pelo fato de que a prática ali desenvolvida não tem o objetivo de fazer com que o usuário deixe de usar drogas, mas de socializá-lo com noções e atitudes que permitam a ele diminuir a sua condição de risco e vulnerabilidade a partir da escolha feita sobre o seu uso. Além disso, as práticas de oficinas de trabalho, de artes, de teatro, a difusão de informações, as assembléias gerais que se realizam semanalmente, bem como aquelas práticas que permitem o acesso dos usuários aos serviços oferecidos pela sociedade: educação, emprego, saúde, etc., são, segundo seus relatos, espaços de exercício da cidadania nos quais os usuários compartilham opiniões, percepções e decisões a serem tomadas no âmbito da EGO.

Os membros da associação consideram que o uso de drogas é um fenômeno social que sempre existiu na história da humanidade e que para melhor controlar e reduzir os riscos a ele inerentes é preciso aceitá-lo enquanto tal. Com base neste princípio, a EGO, opondo-se à idéia do usuário como incapaz de administrar o seu consumo e sua vida social, concebe o usuário de drogas enquanto um “cidadão responsável e parceiro indispensável nas ações de prevenção. Ainda que lhe dêem um mínimo de meios concretos, os usuários são completamente capazes de transformar os seus comportamentos e assim gerar menores riscos relacionados ao seu consumo”².

O trabalho de Barré e Godefroy (2000) demonstra que, apesar das iniciativas recentes que buscam procedimentos substitutivos à penalização do usuário de drogas ilícitas, a política do Estado francês em relação ao tráfico e consumo de drogas é ainda fortemente marcada por traços repressivos. Se, na EGO, a desintoxicação e a tentativa de fazer com que o

usuário deixe de consumir a droga não fazem parte de seus objetivos, de que maneira os seus membros lidam com a polícia, cuja orientação, explicitada na lei francesa sobre as drogas, está voltada para a repressão?

A política francesa “anti-drogas” se inscreve no quadro legal da lei de 31 de dezembro de 1970. Os seus dispositivos legais estão baseados no quadro jurídico de três convenções internacionais³ aplicáveis às drogas:

1. A convenção única sobre entorpecentes de 1961, modificada pelo protocolo de 1972, que lista os principais produtos: ópio, morfina, heroína, metadona, codeína, cocaína, maconha. Em novembro de 2002 esta convenção foi ratificada por 179 Estados signatários desta convenção.
2. A convenção de 1971 sobre substâncias psicotrópicas que lista os principais produtos: ecstasy, LSD, anfetaminas, buprenorfina, benzodiazepans, etc. contou com 172 Estados que ratificaram esta convenção em novembro de 2002.
3. A convenção de 1988 contra o tráfico de entorpecentes e substâncias psicotrópicas que “reforça a cooperação internacional na luta contra o tráfico sob todas as suas formas” também prevê o controle de 23 substâncias, “precursores químicos”, utilizadas na fabricação ilícita de entorpecentes. Esta convenção foi ratificada por 166 Estados em novembro de 2002.

A lei de 1970, ainda em vigor, distingue e reprime o uso e o tráfico de entorpecentes. Em relação à substância entorpecente, por outro lado, a lei não faz distinção, ou seja, não há diferença entre o uso da maconha e o uso da heroína, por exemplo. Seus eixos principais dizem respeito à penalização do uso; ao tratamento médico sob o título de “*injonction thérapeutique*”; a repressão severa do tráfico e dos lucros daí advindos; a proibição da publicidade do uso e tráfico de entorpecentes.

Quanto aos usuários, a lei distingue aquele que é consumidor e, por isso, considerado como um “doente” dentro do Código de Saúde Pública, daquele que é o traficante que, além do seu consumo, vende a droga e, por isso, é tratado a partir do Código Penal. O artigo L3421-1 do Código de Saúde Pública, no entanto, é explícito quanto à repressão: “o uso ilícito de uma das substâncias ou plantas classificadas como entorpecentes é punido tanto pela prisão quanto por uma multa de 3.750 (três mil setecentos e cinquenta) euros”.

Apesar disso, a mesma lei prevê a “injonction thérapeutique” como opção para o usuário não ser condenado. Isto quer dizer que, para fugir à punição penal, o usuário deve se apresentar espontaneamente a um juiz e se submeter ao tratamento médico, psicológico e social de desintoxicação, respeitando as obrigações daí decorrentes.

Associação Espoir de la Goutte d’Or: seu momento fundador

Localizada no norte de Paris, em Porte de La Chapelle, a Association Espoir de la Goutte d’Or tem uma história. De acordo com o discurso público desta Associação, ela foi oficialmente fundada em 1987, mas nasceu em 1986 a partir da mobilização de um grupo de pessoas preocupadas com a questão do consumo de drogas no bairro e da conseqüente ameaça da epidemia da Aids que atingia os usuários de substâncias psico-ativas.

Contam os integrantes da Associação que, em 1986, devido ao fechamento de um *squat*⁴ nas redondezas da Gare de Lyon, oeste da cidade de Paris, houve uma espécie de deslocamento dos usuários de drogas deste local da cidade para o bairro de La Chapelle. O aumento do consumo de drogas no bairro, ao lado da prostituição em um momento no qual a epidemia da Aids ameaçava não só Paris, como várias cidades do mundo, levou espontaneamente, segundo o relato comum, um grupo de pessoas a discutir o assunto. Foi por ocasião da festa anual do “quartier de la Goutte d’Or”, neste mesmo ano, que este pequeno grupo, em torno de aproximadamente quatro pessoas, começou a refletir sobre aquilo que consideravam os “problemas do bairro”. Uma das pessoas do grupo era a atual diretora da EGO, representada no discurso dos integrantes da associação como uma “profissional”, pois tinha curso superior completo; uma outra pessoa, também representada como profissional, era da área de farmácia e uma outra que era médica e um residente do bairro. Cabe ainda ressaltar que a Diretora é de nacionalidade brasileira, vivendo na França há mais de 20 anos; formada em Pedagogia e com pós-graduação em Educação e Psicologia, ela dirige a EGO desde a sua fundação.

Um dos membros da equipe da EGO diz que naquela época não havia uma resposta nem da parte do Estado nem de nenhuma associação voltada para o trabalho com os usuários de drogas que ficavam, por sua vez, à mercê de hospitais psiquiátricos da cidade, tratando da questão de forma emergencial.

Não havia ainda uma sede, nem um espaço físico no qual se reunirem. Narram que no início se encontravam onde era possível: nos cafés, nos bares, no salão paroquial da Igreja de Saint Bernard; “o importante era discutir os problemas que se apresentavam no bairro, qual a sua natureza, e como administrar o problema da droga” (membro da equipe EGO há 8 anos). Esta experiência inicial de encontros informais, através dos quais tentavam objetivamente definir um problema social, de caráter local, traduz-se atualmente nas assembléias semanais da EGO, que são abertas a todas as pessoas. Além disso, cabe ressaltar que o seu reconhecimento público pode ser revelado pelo suporte de diversas instituições, públicas e privadas na França durante o ano de 2004. Entre estas, destacaram-se: a Caisse Primaire d’Assurance Maladie; o Conseil Régional d’Ile de France; a Caisse Régionale d’Assurance Maladie d’Ile de France; a Direction des Affaires Sanitaires et Sociales; a Direction de l’Action Sociale, de l’enfance et de la Santé; a Direction Régionale des Affaires Sanitaires et Sociales; a Préfecture de Paris, por meio de “financements politique de la ville”, assim como do “crédits déconcentrés” MILDT (Mission Interministerielle de Lutte contre les Drogues et la Toxicomanie); a Fondation RATP pour la jeunesse; a Association Sidaction e a Association Solidarité Sida.

Em seu livro *L’espace public*, Habermas (1978), observando os cafés literários do século XVIII como o primeiro objeto pelo qual o homem exerce a razão, refere-se à constituição de uma *esfera pública* como o lócus, por excelência, do exercício da crítica, da razão e da experiência comum, como o espaço modelar da construção de uma consciência fundamental, suporte de uma opinião esclarecida com capacidade de julgamento político. Eu me pergunto até que ponto esta experiência, este domínio de discussão da EGO, pode ser também chamado de uma *esfera pública*?

Cabe ainda ressaltar que a EGO não é uma instituição religiosa, nem uma organização não-governamental; ela também não segue os dispositivos legais de uma estrutura sindical. A EGO está inscrita no quadro jurídico da Lei de 1º de julho de 1901, relativa ao contrato de associação e, por isso, é regida pelos seus dispositivos legais. Diz o artigo primeiro desta lei que “a associação é uma convenção pela qual duas ou mais pessoas colocam em comum, de uma maneira permanente, seus conhecimentos ou sua atividade com o objetivo de compartilhar benefícios. Ela é regida, quanto à sua validade, por princípios gerais do direito aplicáveis aos contratos e obrigações”. Resulta daí que os princípios que regem a sua prática, bem

como a contratação de pessoal, a implantação de projetos e o estabelecimento de parcerias com organismos públicos ou privados devem seguir aquilo que está previsto no quadro da lei das associações na França.

Outra questão que orientou a minha observação está relacionada a uma indagação colocada por Jacques Ion (1997) em seu livro *La fin des militants?*. Neste livro, o autor argumenta que, ao contrário de uma crise de engajamento dos indivíduos no espaço público hoje ou do declínio do interesse pela coisa pública, devemos repensar a categoria *militantismo*, cuja história está relacionada às formas de engajamento político característico do século XIX. Segundo o autor, o que observamos hoje na França são novas formas de participação social, formas estas que colocam em questão o modelo republicano de associativismo. Segundo Ion, este modelo segue o princípio segundo o qual “somente o cidadão educado e livre de toda dependência e, portanto, desnudado de todo interesse pessoal, é o único que pode participar da determinação de interesse geral...” (Ion, 1997: 22). A concepção republicana francesa, faz “do laço nacional a forma privilegiada do laço social” (Schnapper, apud Ion, 1997: 21) excluindo qualquer forma de associativismo que se interponha entre o cidadão e a nação. No entanto, o autor argumenta que, na prática, há dois séculos, o associativismo voluntário não só não parou de crescer como vem preenchendo o “espaço aberto entre a realidade da sociedade e sua representação política”. Os poderes públicos mesmo vêm demonstrando um esforço no sentido de promover resoluções locais de problemas sociais, no sentido de “tentar reintroduzir no jogo social, aqueles que daí são excluídos” (Ion, op.cit.: 9).

Em relação às formas de ação coletivas não animadas pelo Estado, ainda que podendo estabelecer redes com este, a EGO não se caracteriza por uma forma de tipo sindical ou militante, conforme mencionei acima, mas como uma nova forma de ação coletiva de tipo flexível e móvel, na qual os indivíduos se engajam por diversos motivos e através da qual as ações acontecem em *redes* (Mercklé, 2004). A partir desta reflexão coloco-me algumas questões: em um país no qual o porte e o consumo de drogas como o crack são considerados ilícitos e no qual a repressão policial é expressiva, que mecanismos esta associação encontra no sentido de atuar na área de redução de riscos? Que obstáculos encontram frente ao Estado e à sociedade e quais as alternativas encontradas para superá-los? Que valores e práticas são estas que constituem uma resposta a esta demanda social?

“O último elo da corrente”: o cenário e as percepções sobre a EGO

Quinta-feira, 17 de fevereiro de 2005. Chego pela primeira vez à porta da Association Espoir de la Goutte d’Or. Minha expectativa inicial era conhecer o local, encontrar a diretora que me fora indicada por uma amiga brasileira que viveu em exílio na França por 30 anos, e possivelmente marcar um horário para conversar com ela a respeito do tema desenvolvido na minha tese de doutorado. Não estava sozinha, convidei uma amiga, também antropóloga que, como eu, se encontrava em Paris dentro da convenção Capes-Cofecub, parceria entre universidades francesas e brasileiras para estágio de doutorado de um ano, a me acompanhar a um lugar até então desconhecido por nós. Endereço incerto, batemos em algumas portas de outras associações existentes no bairro⁵ até que, ao me ouvirem pronunciar o nome de quem eu procurava, fomos orientadas a seguir em direção ao endereço da EGO.

Sem nos pedirem qualquer identificação, três pessoas que estavam à porta de entrada da associação – dois usuários de drogas e o coordenador do Centre d’Accueil – nos receberam com um “bonjour” e “bienvenues” que saltavam de sorrisos acolhedores. Ainda assim nos apresentamos e falamos que gostaríamos de encontrar a diretora da associação, ao que fomos conduzidas até a sua sala. Uma pessoa simpática, vibrante e assertiva, em meio a papéis, telefonemas e pessoas que com ela conversavam, foi igualmente acolhedora. Após explicar-lhe quem havia indicado o seu nome e o trabalho que ali desenvolvia, assim como o interesse que me havia levado até lá, ela prontamente agendou um horário de encontro, que só se realizou em março, após as suas férias (que coincidiam também com as férias do ano acadêmico).

Terça-feira, 9 de março de 2005. Data marcada para o meu encontro com a diretora da EGO. Recebi um telefonema seu dizendo que “a situação na associação estava muito complicada porque um jovem rapaz que a freqüentava havia sido baleado e morto por um agente da polícia local anteontem (dia 7 de março)” e, por causa disto o clima era de muita tensão e de tentativa de compreensão do que havia se passado. Compreendi e respeitei o conselho de não ir à EGO naquele dia. Este episódio revelava um problema sensível com o qual a associação se deparava frente ao Estado, mas também o quanto ele era motivo de *stress* emocional tanto para os usuários que a freqüentam como para os residentes do bairro na

qual se situa. Foco de atenção social, a associação EGO desenvolve, como pude apreender dos fragmentos de discursos durante o período em que a freqüentei, um trabalho contínuo com outras associações do bairro, com os residentes e com a polícia. No dia a dia da associação há toda uma preocupação em lidar com episódios e questões como estas, preocupação que, a meu ver, é um dos pilares dos princípios que norteiam o que denominam “redução de risco” e “administração local de conflitos”. Este princípio é o “acolhimento”.

Motivo de surpresa e de comoção para duas estrangeiras, como eu e minha amiga, chegadas à França desde julho de 2004, foi a maneira como fomos recebidas calorosa e respeitosa na EGO. Havíamos passado por uma série de constrangimentos e tensões no nosso percurso de obtenção de informações, bem como de nosso *titre de séjour*⁶ e plano de saúde. O cotidiano na sociedade francesa, pelo menos para duas brasileiras na nossa condição, não se revelava acolhedor. Ninguém nos poupava como resposta “je suis desolé” – lamento – percebido por nós como a fronteira daquilo que não teria resposta ou solução para as demandas de novas residentes em país estrangeiro. Aos poucos este cotidiano foi se revelando comum a todas as pessoas que se encontravam na nossa posição. Na EGO, percebi que a resposta “je suis desolé” não se aplicava e que, ao contrário, ali a prática da recepção e da escuta se apresentava como fundamental.

O discurso público que se apresenta nesta associação é o de que “as portas da EGO estão sempre abertas para quem quiser entrar, todos serão sempre bem acolhidos, todos aqueles que entram aqui têm um tratamento atencioso, todos têm direito a exprimir a sua opinião, todos têm direito à atenção, ninguém é excluído” (coordenador do Centre d’Accueil). É interessante observar que na França, a palavra “accueil” refere-se, em quaisquer instituições de atendimento público – escolas, universidades, hospitais, lojas, mairies, préfectures de police, etc. – à recepção, local de informações, todavia, nem sempre “acolhedor” a todos. No entanto, as pessoas que trabalham na EGO como voluntários ou como “membros do quadro”, assim como os usuários de droga, fazem questão de afirmar um outro sentido de “accueil”. Buscando seu significado na etimologia do verbo “accueillir”, vindo do baixo latim “accolligere”, “rassambler”, a EGO traduz assim o sentido atribuído ao que para eles é mais do que uma palavra, mas um princípio não excludente de ação:

(...) ‘accueil’ é resolutamente ativo, positivo, de boa graça, e se dá como objetivo a recepção do outro com a maior harmonia possível. Se o nível de exigência para a admissão de um usuário no ‘Centre d’Accueil’ é baixa, – a saber que não há seleção quanto à entrada de ninguém, que toda pessoa, quer ela seja ou não usuário ativo de drogas, quer ela esteja ou não sob o efeito de um produto psico-ativo, ela é bem-vinda entre nós –, se impõe a cada um a obrigação de respeitar os outros, e isso vale tanto para os usuários de drogas como para todas as outras pessoas presentes (Relatório de Atividades, 2004).

A eficácia deste objetivo pode ser percebida em relatos daqueles para os quais as práticas da EGO são destinadas, no sentido de que, do seu ponto de vista, estas preenchem as suas expectativas. Expectativas estas, continuamente frustradas nos diferentes espaços sociais, mas fundamentalmente desejadas pelos usuários de drogas.

A percepção que os membros da EGO e os usuários de drogas têm da Associação

Desde o final dos anos 1990 na EGO, um dos seus membros de equipe, entrevistados por mim⁷, revela que hoje, aos 40 anos de idade, é portador do vírus HIV e ex-usuário de drogas. No seu relato enfatiza que, por escolha própria, deixou a “casa materna” aos 13 anos de idade, uma escolha “completamente independente de uma suposta experiência de desestruturação familiar”, diz ele. Ao contrário, foi uma decisão exclusivamente sua por não estar satisfeito com o modelo de sociedade no qual vivia. Ele acrescenta que, ainda menino, nos tempos de escola, quando um professor dirigia a pergunta à turma sobre o que desejavam ser quando crescer, seus colegas respondiam que pretendiam ser engenheiros, professores, médicos. Ele, por outro lado, respondia que “queria ser ladrão”. Após passar diversas vezes pelo sistema penitenciário, totalizando 12 anos de aprisionamento, ele relata que a “solidão vivida no cárcere” e “a sensação de inutilidade” foram de tal forma insuportáveis, que ele optou por atender a cursos oferecidos aos presos. Após a conclusão de quatro anos de curso de desenho gráfico, ele recebeu a redução da pena, um dispositivo legal denominado “Grace”, sendo beneficiado por um salário em troca do seu trabalho. O seu conhecimento da EGO,

quando ainda vivia na prisão, chegou pelo contato com membros da ASUD (Auto-support et Réduction des Risques parmi les usagers de Drogues), visitantes assíduos de presos na França.

De acordo com o seu depoimento, a EGO apresenta um grande diferencial frente às outras alternativas, ou ausência delas, oferecidas pela sociedade francesa. Nos anos 1980, por exemplo, de acordo com ele, havia em Paris apenas o Hospital Marmottan e hospitais psiquiátricos, como únicas respostas possíveis ao problema que se colocava na época. Dessa forma, estas iniciativas promoviam, segundo ele, apenas a exclusão e a estigmatização dos usuários. Para este membro da equipe, a EGO é “le dernier maillon de la chaîne”, ou seja, “o último elo da corrente”. Diz ele:

A diferença entre a EGO e as outras associações é que aqui há uma regra de não exclusão de pessoas; as atividades são feitas face a face. As outras são associações feitas institucionalmente pelo Estado. A estrutura da EGO foi construída localmente, pelos habitantes, profissionais e usuários de drogas, foi uma demanda da população (funcionário da EGO).

Tive também a oportunidade de entrevistar um usuário de drogas, freqüentador da EGO. De personalidade simpática e gentil, querido pelos membros da EGO e por outros usuários, Y tinha, quando o entrevistei, 42 anos de idade. Demonstrando grande domínio da literatura clássica francesa, assim como dos principais eventos e políticas desenvolvidas na França e no mundo, Y descreve a trajetória que o levou ao uso de drogas e a viver atualmente em moradias precárias na cidade de Paris. Nascido na França, mas filho de imigrantes marroquinos, Y é formado em engenharia e relata que já trabalhou em uma grande empresa francesa. De acordo com ele, a perda da sua esposa e do filho pequeno em um acidente com o carro no qual era o condutor, o fez perder totalmente a vontade de viver a vida anterior. Ele diz ainda que começou a usar drogas e a perder o domínio do seu dia a dia. Acrescenta que a sua trajetória, desde então, levou-o a cometer pequenos delitos, como furto de carteiras e dinheiro de bolsos e bolsas de pedestres nas ruas da cidade; já esteve preso e hoje habita um “foyer”, espaço de habitação coletiva a custo baixo. Embora ele não tenha explicitado de que maneira conheceu a Associação EGO, ele diz que nesta encontra um tratamento de respeito, pessoas que conversam com ele e conforto emocional. Assim ele descreve a sua percepção da EGO:

Aqui todos já me conhecem. Eu venho aqui e tenho sempre alguém para conversar comigo, ninguém faz julgamento de mim e ainda me tratam bem. Eu chego aqui, por exemplo, e conheço os estagiários, os coordenadores do STEP e eles sempre me oferecem café e suco. Aqui eu me sinto bem-vindo (Y é usuário de drogas freqüentador da EGO).

Este mesmo entrevistado relatou que, vez ou outra, os usuários de drogas, que são abordados na rua pela polícia nos momentos em que portam o kit base – sobre o qual falarei adiante – ainda que estes contenham o selo da EGO e do Ministério da Saúde, são vítimas de maus tratos por parte destes agentes. Apesar disso, assim como os membros da equipe da Associação, este usuário de drogas concorda que as práticas aí desenvolvidas visam estabelecer total transparência do trabalho desenvolvido e promover práticas não repressivas dirigidas pelos policiais aos usuários. Dessa forma, passo agora à descrição de algumas características presentes nas práticas da EGO como formas de lidar com os constrangimentos sociais impostos pela sociedade francesa aos usuários de drogas.

A sede e os gestos

Situada em esquina de uma pequena rua de Porte de La Chapelle, a porta de entrada da EGO, que conduz à sua sala de “accueil”, abre-se ao público que ali se dirige: usuários de drogas, residentes do bairro, jornalistas, profissionais, estagiários, pesquisadores, policiais, etc. Aberta diariamente entre 12:45 horas e 17:45 horas, com exceção das quartas-feiras, quando funciona entre 13:30 horas e 18:30 horas e com uma extensão de 60m² sob a forma da letra “L”, a sala de “accueil” compreende quatro mesas redondas de aproximadamente cinco lugares, em torno das quais reúnem-se as pessoas ali “acolhidas” e os “acolhedores”, funcionários fixos, voluntários e estagiários. É interessante ainda notar que o aspecto desta sala é a de um ambiente de um bar, no qual as pessoas circulam descontraidamente. Embora haja um acordo para que não haja consumo de drogas no local, o fumo é aceito, e a fumaça acentua esta ambiência.

O objetivo, segundo eles, é promover a conversa e o estímulo à participação de “jogos de sociedade de caráter educativo” (Relatório de atividades, 2004). Além destas mesas, a sala de “accueil” é composta por

duas grandes mesas retangulares que servem às atividades coletivas e aos debates do “Comitê dos Usuários”. Ao lado direito de quem entra encontra-se uma pequena cozinha com balcão de atendimento que serve à preparação e distribuição de alimentos – cereais, café, chá, leite – aos usuários que freqüentam esta sala de segunda à sexta-feira. Alinhando-se ainda com a cozinha, em direção ao fundo da sala, encontra-se um pequeno lavabo e *toilet* para uso daqueles que freqüentam a associação. Ao lado do lavabo, encontra-se uma peça, de acesso exclusivo aos “accueillants”, na qual são estocados os alimentos e os preservativos distribuídos pela EGO. À esquerda, no fundo da sala, encontram-se um telefone e dois computadores para uso dos “accueillis”, servindo às necessidades de confecção de currículos, pesquisa de empregos e correspondência. Há igualmente nesta sala um aparelho de televisão à disposição com material de vídeo cassete, cuja finalidade é a difusão educativa de informações e documentários relativos à prevenção e redução de riscos quanto ao uso de drogas, às doenças infecciosas, como a hepatite e a tuberculose, bem como às doenças sexualmente transmissíveis; aí se encontra também uma pequena estante que serve de biblioteca, regularmente provida de material diverso, disponível aos usuários. Ao fundo desta sala encontra-se uma parede e uma porta, ambas de vidro, através da qual temos acesso a um corredor. A partir deste corredor, igualmente apresentando divisórias de vidro, à esquerda situa-se a sala da direção da EGO, à direita uma sala na qual funciona a confecção gráfica da revista *Alter Ego* e que comporta uma grande mesa retangular em torno da qual pode-se conversar, escrever, discutir o material gráfico e outros documentos produzidos em conjunto; é também em torno desta mesa que se reúnem os visitantes que lá chegam pela primeira vez. Ao fundo deste corredor encontra-se um banheiro destinado ao uso dos funcionários da Associação. Cartazes, informes e pequenas notas educativas são afixadas ao longo das paredes de sua sede.

Uma das assembléias gerais na EGO foi ilustrativa da prática de participação dos membros presentes e dos tipos de problemas que merecem ser destacados e tornados públicos. Foi também ilustrativa para a compreensão do que é compreendido por democracia no âmbito desta associação.

Composta por cerca de 50 diferentes pessoas, esta assembléia contou com a participação de diversos usuários de drogas, com membros da própria associação, estudantes universitários nas áreas de pedagogia

e psicologia, dois jornalistas interessados em escrever uma matéria sobre a EGO, residentes do bairro e duas antropólogas – eu mesma e uma das amigas que me acompanhou.

Após o relato e avaliação da semana anterior, feito pelo coordenador do setor de acolhimento, a diretora colocou em pauta a necessidade da construção de um banheiro na sede da associação. Prontamente, uma das pessoas presentes à reunião, aparentemente sob efeito de substância psico-ativa, retrucou que era “um absurdo que um tópico como este faça parte de uma assembléia onde precisamos discutir sobre coisas sérias e sobre democracia”. A repercussão da sua intervenção foi expressa constrangidamente por olhares e gestos de reprovação dos outros que estavam presentes. De fato, conforme se seguiu o debate, a ausência de um banheiro na sede da associação havia se tornado um problema que fazia parte de um debate já em curso. Segundo a explicação oferecida pela diretora, um dos maiores problemas encontrados pela população de rua em Paris era o fato de que aqueles poucos serviços destinados ao banho e *toilet* dos moradores de rua encontravam-se fechados nos fins de semana, igualmente, os serviços que ofereciam alimentação para esta população. Ela acrescentou que 50% das pessoas que freqüentam a EGO são residentes de rua e que, por isso, a questão do *toilet* é vital. O resultado disto, ela prossegue, “é que as ruas do bairro ficam sujas com o xixi e o cocô dos moradores de rua, em particular dos usuários de drogas, o que promove a hostilidade dos habitantes do bairro para com esta população e, conseqüentemente, para a EGO”. Para finalizar a sua intervenção, a Diretora acrescentou que, diante destas condições, era pertinente e sério discutir o problema da construção do banheiro e que “a vida é feita de pequenas soluções”.

A sede da EGO não se resume a este prédio. Descendo a rua, e cruzando aproximadamente dois quarteirões em direção à Gare du Nord, encontramos uma sala situada no térreo de um prédio em Boulevard de La Chapelle, na qual encontra-se a equipe do programa de distribuição de seringas (PES – Programme d'échange de seringues), ou como é denominado, o STEP (seringue, tampon, l'eau et pipe: seringa, tampão, água e cachimbo). Uma grande fachada em vidro conduz a uma estrutura em forma de mezanino. Esta sala compreende o local de entrada com um balcão através do qual a equipe distribui um “kit base” composto por gaze, pomada cicatrizante, seringa, preservativo, cachimbo de uso do crack. Em estrutura de madeira com o topo em azulejo, este balcão divide espacial-

mente o local de entrada dos usuários e o local de trabalho no qual circulam os membros da equipe. Voltado para esta parte da sala, o balcão comporta prateleiras nas quais estão arrumados o “kit base”, açúcar, colherinhas e copos de plástico, guardanapos e papel toalha que servem à distribuição de café, chá e suco que são oferecidos aos usuários que ali chegam. Em cima do balcão, nos extremos direito e esquerdo, encontram-se pequenas armações de arame que servem de suporte aos panfletos, material pedagógico de difusão de mensagens preventivas a respeito do uso de substâncias psico-ativas, doenças infecciosas e/ou sexualmente transmissíveis.

Ainda nessa sala, observa-se a seguinte disposição de objetos que a compõe: atrás, e em frente a este balcão, se situa uma grande mesa de trabalho na qual encontra-se um computador para uso dos membros da associação; atrás desta mesa, uma prateleira na qual encontra-se um aparelho de som, sempre ligado em altura ambiente; à direita e ao lado de um pequeno móvel de arquivo em madeira, encontra-se uma pequena pia onde são colocadas grandes garrafas térmicas com chá, café, leite e água quente, bem como, detergente, esponja e material anti-séptico que servem à higiene do seu espaço físico. Uma porta, à direita e ao fundo, leva ao banheiro de uso exclusivo dos membros da equipe; em frente a este, do outro lado da sala, encontra-se também uma pequena porta que conduz a dois ambientes com propósitos diferentes. Um deles serve como depósito do material pedagógico e do “kit base”, o outro, um pequeno corredor no fundo do qual uma porta dá acesso à rua, serve à localização de dois grandes *containers* no qual são depositados materiais usados que são, por sua vez, recolhidos por funcionários da área de saúde da prefeitura de Paris. À direita de quem entra nesta sede encontra-se uma pequena escada que leva ao subsolo, visível para quem chega. Este ambiente destina-se às reuniões quinzenais com usuários às segundas-feiras, às aulas de informática que acontecem todas as terças e quintas-feiras e às orientações jurídicas, às quartas. Ao fundo desta sala, localiza-se um pequeno espaço, fechado, reservado às sessões de higiene dos pés e das mãos dos usuários de drogas. Neste ambiente encontramos ainda as paredes constantemente cobertas por quadros de artistas locais – usuários ou não de drogas – que ficam em exposição para venda ou contemplação.

Segundo seu coordenador, a maioria dos usuários de drogas desenvolve certas doenças ou feridas nas extremidades de seus corpos devido às precárias condições de higiene em que se encontram, bem como à falta de

orientação de como utilizar o material destinado ao consumo das mesmas. De acordo com ele, é freqüente que estas pessoas tenham as pontas dos seus dedos da mão queimadas ou cortadas pela utilização indevida de isqueiros ou fósforos, assim como de pequenos utensílios cortantes. O contato dos dedos assim feridos com a poeira do chão, onde freqüentemente buscam restos das substâncias psico-ativas, em particular o crack, permite a proliferação de infecções da pele.

Vivendo em sua maioria nas ruas, sob baixas temperaturas, sem roupas ou calçados para trocar, sem lugar apropriado para o asseio físico, não é raro, de acordo com seu depoimento, que vários usuários cheguem ao STEP “com os pés em grande sofrimento: sapatos danificados com o tempo, a umidade após dias com os pés molhados da chuva ou do suor, meias que já não podem mais ser retiradas sem o auxílio de instrumentos hospitalares”. Soma-se a esta condição, a ausência de serviços especializados no atendimento das pessoas com este perfil, o que acaba sendo um dos fatores que contribuem para o estado, segundo ele, “de morbidade e indignidade” no qual os usuários vivem.

Diante desse quadro de “sofrimento” a que ficam submetidos, o coordenador do STEP faz, uma vez por semana, um trabalho de “limpeza dos pés e mãos” dos usuários. Este trabalho consiste em remover dos seus pés e mãos as seqüelas do mau uso dos equipamentos utilizados para o consumo da droga. Em uma pequena sala no andar inferior do prédio do programa STEP, existe uma cadeira inclinada na qual o usuário senta-se, permitindo que, sentado em um pequeno banco, em nível mais baixo, o coordenador faça a limpeza dos pés atingidos. Utilizando-se de material hospitalar – tesoura, pinça, gaze, algodão, água, pomadas e material de curativo – o coordenador faz a higiene e o tratamento das mãos e pés do usuário.

Os membros da EGO destacaram, ao longo das nossas conversas, que um aspecto importante do seu trabalho consiste na socialização dos estagiários e dos membros da equipe que trabalham diretamente com os usuários, numa atitude assertiva e de atenção cuidadosa destinadas aos mesmos. Segundo o que aprendi com o coordenador do programa STEP, quando este me socializava no tipo de atitude que eu deveria observar quando atendesse a um usuário, devem ser evitadas perguntas do gênero “tudo bem com você?”. Isto deve-se ao fato de que é uma pergunta que pode induzir à reação explosiva de algum ressentimento latente ou expressão de dor física sentida pelo usuário. O olhar deveria ser dirigido diretamen-

te ao olhar do usuário, assim como expressões ou palavras de “seja bem-vindo” eram amplamente estimuladas. A orientação de como usar o “kit-base”, o oferecimento de um lanche, e quaisquer outras atenções dispensadas devidas às demandas dos usuários deveriam ser assertivas, sem delongas de modo que todos os usuários pudessem ser prontamente atendidos sem permanecerem em pé por muito tempo ou em fila.

Indagados a respeito das diversas separações físicas que encontrei na Associação, seus membros respondiam que esta organização espacial reflete, de um lado, a regulação das passagens e do tempo que os usuários devem aí permanecer devido à grande circulação de pessoas que devem receber a atenção dos membros da associação. De outro lado, as divisórias de vidro permitem a transparência das interações e negociações que acontecem no interior da EGO. A preocupação em evidenciar um trabalho transparente e democrático pelo espaço físico é ilustrada por um trecho do Relatório de Atividades do ano de 2004 que esclarece este objetivo:

A organização espacial se apóia sobre o princípio da transparência que constitui um meio essencial de negociação e de integração do programa no seu ambiente. O fato de que se possa ver o que se passa no interior do local, através de um grande vidro, permite evitar os fantasmas ou os medos que um tal programa possa suscitar entre os residentes vizinhos (...)(Relatório de Atividades, 2004).

Divisões espaciais, divisões de papéis, divisões de *status*. Van Gennep (1974), em *Os ritos de passagem*, fala sobre espaços de liminaridade, espaços de demarcação de *status*, espaços definidos, espaços de passagem. O deslocamento de um espaço para outro implica uma desagregação e uma constituição dos grupos humanos e dos indivíduos. A experiência da Associação Espoir de la Goutte d’Or, demonstrou que algumas pessoas que hoje fazem parte do quadro da sua equipe, seja como voluntários seja como funcionários/salariés, foram consumidores de substâncias psico-ativas. Ainda que não tenha colhido informações que expliquem esta passagem assim como não seja propósito da EGO desenvolver um trabalho para que usuários de drogas deixem de consumi-las (seu trabalho esta baseado no princípio da redução de risco), a sua organização espacial chamou-me atenção para uma questão. Até que ponto, as fronteiras demarcadas por um jogo de vidros, balcões e divisórias não operam simbolicamente como parte do

discurso de suas interações com os usuários de drogas? A EGO tem todo um trabalho pelo qual, não somente a palavra, mas a observância dos gestos, dos olhares, do tom de voz, do movimento do corpo dos “accueillants” em relação aos usuários, é rigorosamente perseguida no sentido de transmitir uma orientação voltada para os cuidados que estes devem ter com o seu próprio corpo, com a sua saúde e com práticas de respeito e não exclusão ao outro. Sendo assim, penso que estes espaços-divisórios servem também ao propósito de reforçar, como um jogo de espelhos, o caráter pedagógico da mensagem contida dentro desta prática denominada “redução de risco”.

No entanto, podemos pensar também que esta organização espacial marca momentos de passagem para a cidadania. Vale sublinhar que não é permitido consumir drogas nas dependências da associação. É como se, ao entrar na EGO, o usuário saísse da ilegalidade, passando para um outro espaço no qual ele é recebido como cidadão.

Os atores

Como o objetivo da Ego e a sua apresentação pública incluem todas as pessoas que ali chegam, independentemente do gênero, da cor, da nacionalidade, se estão sob efeito ou não de substâncias psicotrópicas, se são residentes do bairro, polícia, pesquisadores, jornalistas, etc., denomino aqui atores todos aqueles que se encontram temporária ou permanentemente na instituição. Ainda que não tenha tido tempo suficiente para desenhar um mapa do perfil de todas as pessoas que de uma forma ou de outra estiveram presentes na Associação, penso que duas categorias de atores são importantes devido ao fato de serem os principais sujeitos em interação no contexto das práticas de redução de risco propostas pela EGO: os membros do quadro daqueles que aí trabalham e os usuários de drogas.

As pessoas que atuam como membros da EGO são classificadas segundo a sua entrada na instituição. Há os “salariés” que fazem parte do quadro da associação, recebendo salário por meio dos projetos nos quais ela está engajada. Há aquelas que são denominadas “bénévoles”, cujo melhor sentido na língua portuguesa pode ser traduzido por “voluntários”, ou seja, desenvolvem o trabalho gratuitamente. Há os “estagiários”, geralmente estudantes ou recém-formados nas áreas da psicologia, pedagogia e serviço social, que não são pagos pela instituição, nela desenvolvendo atividades relacionadas ao seu domínio de escolha e a direção da associação.

Durante os três meses em que freqüentei a EGO pude perceber a presença constante de aproximadamente 20 destas pessoas que trabalham no cotidiano da associação junto ao Centre d'Accueil, à direção e ao STEP. Há o presidente e mais aproximadamente um grupo de 5 pessoas que fazem parte do seu Comitê de Direção. Todos os membros que fazem parte do quadro da Associação são admitidos em acordo com a Lei de 1º de julho de 1901, relativa ao contrato de Associação. As biografias, nacionalidades e motivos que levaram estas pessoas a aderirem a um projeto desta natureza são bastante heterogêneos. Além dos trechos de relatos mencionados acima, gostaria de apresentar a descrição feita pelo coordenador do programa STEP, justificando os motivos que o levaram a integrar a associação EGO. De origem colombiana, mas residente na França há mais de 10 anos, diz ele:

Quando eu era ainda um garoto, perguntei uma vez ao meu pai porque e como, depois de um dia inteiro de trabalho, ele ainda tinha forças e bom grado para receber em casa pessoas que lhe procuravam para contar sobre os seus problemas e as suas angústias. Ele me disse que era porque estas pessoas se encontravam em situações que lhes tiravam a esperança de viver e que qualquer um que batesse à porta de alguém pedindo ajuda deveria ser bem acolhido, pois era uma pessoa que necessitava. Isso que ele me falou ficou marcado na minha vida e é por isso que eu escolhi o trabalho que eu faço (Coordenador do STEP).

Igualmente heterogêneo é o perfil e os motivos que levam os usuários a procurarem o trabalho institucional da EGO, também conforme os relatos mencionados em tópico acima. Com base em relatório das atividades da Associação, publicado em 2004, passo a seguir à descrição dos usuários. No ano de 2003, a EGO atendeu um público formado por um total de 7.962 pessoas. Deste total, 6.402 eram usuários de drogas. No ano de 2004, por sua vez o público atendido totalizou 17.374, dos quais 14.669 eram usuários de drogas. Deste público, 87% constituíam-se por homens e 13% por mulheres, no ano de 2003. No ano de 2004, por sua vez, o público foi representado por 83% de homens e 17% de mulheres, ou seja, um incremento de 4% na participação de mulheres no total de atendimentos.

De acordo com a sua origem cultural – ou nacionalidade – o público atendido em 2004 se caracterizou por 38% de pessoas francesas, 14% originárias da União Européia e 48% vindas de fora da União Européia.

Quanto à situação jurídica, do total do público em 2004, 79% estiveram na prisão ao longo de suas vidas e 63% tinham um problema jurídico em curso. Ainda no mesmo ano, 91% das pessoas que freqüentaram a EGO encontravam-se desempregadas. Quanto à sua situação familiar, estas pessoas se caracterizam da seguinte maneira: 84% das pessoas viviam sós, 49% têm filhos, mas deste total, 99% eram deles separados, 34% raramente ou nunca mantinham relações com suas famílias.

Quanto à proveniência, o público se distribuía conforme se segue: 19% eram provenientes do 18^e arrondissement, 15% provinham de outros arrondissements de Paris, 20% residiam em Banlieues de Paris, 10% provinham do interior, 36% Outros.

Em relação à sua situação habitacional, 22% do público que freqüentou a EGO no ano de 2004 possuíam alojamento pessoal, contrastando com a situação dos 78% restantes que assim se caracterizavam: 21% – não tinham onde morar, 20% – habitavam um “foyer”⁸, 13% – habitavam em *squats*, 12% – habitavam *hôtel au mois*⁹, 11% – residiam provisoriamente com amigos, 7% – habitavam *hôtel d’urgence*¹⁰, 6% – eram acolhidos pelos pais, 10% – não possuíam habitação pessoal.

Quanto ao nível educacional, o público que freqüentou a EGO no ano de 2004, caracteriza-se como a seguir: 35% chegaram à escola, 26% seguiram uma carreira profissional, 18% tinham o *BAC*¹¹ ou nível BAC, 13% completaram estudos de nível superior e 8% não ultrapassaram o nível primário.

Minha intenção ao demonstrar os números que revelam traços da condição de existência dos usuários de drogas que freqüentam a EGO não é estabelecer relações com a conjuntura político-social e econômica francesa, o que foge ao escopo deste trabalho. Tampouco estabelecer quaisquer relações entre esta estrutura e o desempenho interno da Associação. Pretendo, ao contrário, apontar para duas dimensões que parecem estar presentes no universo das práticas em ações ou políticas de redução de riscos voltadas para usuários de drogas. Em primeiro lugar, que o ideal republicano francês, que estabelece “proteções civis” e “proteções sociais” (Castel, 2003) aos indivíduos no contexto de um Estado de direito não parece assegurar, no plano concreto, o *status* de cidadão ao público constituído por este perfil de usuários de drogas.

Em segundo lugar, que, desprovidos de serviços públicos que permitam o sentimento de inclusão social, os usuários costumam queixar-se de ausências e carências. Dessa forma, estou denominando uma situação de “desamparo”, a experiência vivida por estes usuários. Estas carências ou ausências de instrumentos que os abrigue dos riscos sempre presentes na vida em sociedades modernas, como as doenças, a invalidez, o desemprego. No entanto, não lhes faltam somente serviços públicos, mas também laços de relações familiares e de amizade, que permitam a sua identificação em grupos de pertencimento ou de “filiação” (Castel, 2003).

Nesse sentido, parece-me que, não como uma relação de causa e efeito, mas como uma constatação da sua existência, os usuários de drogas que freqüentam a EGO, expressam uma demanda de “acolhimento”, conforme proposto pela Associação.

Considerações finais

A partir da exposição das características e de alguns aspectos das práticas sociais da Associação Espoir de la Goutte d’Or, voltadas para a redução de riscos do uso de drogas, parece que a discussão e as políticas endereçadas ao problema, conforme aponta o que diz Jean-Marc Priez na epígrafe citada, extrapolam fronteiras morais, legais, policiais e grupais. Este tema é muito controverso e alimenta discussões acaloradas e, certamente, deve fazer parte das agendas institucionais que pretendem desenvolver políticas públicas neste âmbito, assim como dos fóruns de debates acadêmicos.

A ampliação do debate, das pesquisas e da elaboração de políticas públicas voltadas para a análise e avaliação destas práticas certamente enriqueceriam a compreensão do problema e dos fatores de dissociação social que levam, conforme atestado por Castel, ao crescente sentimento de insegurança e à busca incessante de mecanismos de proteção nas sociedades modernas.

Inevitavelmente, os grupos para os quais estas práticas se destinam são objetos de discriminação e de medo. Por isso, mais do que nunca, parece inquestionável a necessidade de dar ênfase ao fato de que ninguém, nem mesmo “o excluído”, vive no “fora-social”, e a “descoletivização” é, ela mesma, uma situação “coletiva”, mesmo que estes indivíduos não compartilhem de um pertencimento coletivo profissional ou biográfico. Há grupos diversificados em situação de mobilidade social descendente cuja “comum condição” se degrada. “Eles cons-

tituem um terreno privilegiado sobre o qual se desenvolve o sentimento de insegurança e que é indispensável retomar para dar conta da dimensão coletiva desse sentimento” (Castel, 2002: 48).

Notas

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no Seminário Internacional sobre Segurança Pública e Justiça Criminal, organizado e coordenado pelo Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas da UFF em 2006.

1. Criada em 1995, a Techno + é uma associação que conta com cerca de 200 voluntários que atuam na área de divulgação de informações a respeito do consumo de drogas na Europa, seja em grandes encontros festivos seja através da internet. Seus membros se colocam como militantes que defendem a implantação de políticas de redução de risco.

2. Cécile, in *Alter Ego*, nº 32, primeiro trimestre de 2001.

3. Sobre os dispositivos legais aplicáveis às drogas na França recomendo o site:

<http://membres.lycos.fr/caat/loi/loi.htm>

4. A palavra *squat* é de origem inglesa, que significa em francês “s’accroupir”, ou seja, “acocorar-se”. O *squat* é ao mesmo tempo a ação de ocupar uma propriedade alheia – pública ou privada – e o lugar propriamente ocupado. Os *squatteurs*, ou ocupantes, o fazem por razões econômicas ou políticas.

5. O bairro acolhe várias associações de naturezas diversas, desde associações de caráter cultural e artístico, de alfabetização de adultos àquelas voltadas para inserção social. Este fato nos chamou atenção tanto para a intensidade da vida coletiva que deveria haver nas redondezas como para a problemática, ou problemáticas que ali deveriam ter lugar. Vale ressaltar que quase todas as associações com as quais nos deparamos recebem em seu nome o título Goutte d’Or, o que inicialmente provocou uma certa confusão para encontrar a Associação que eu buscava.

6. O titre de séjour é o documento exigido pelas autoridades francesas para estrangeiros com mais de 18 anos de idade que, preenchendo exigências legais, pretendem permanecer por mais de três meses em território francês.

7. Algumas pessoas entrevistadas por mim – membros fixos ou bénevoles, assim como usuários atendidos pela EGO – expõem seus relatos de vida publicamente. Outras, no entanto, preferem preservar seus nomes anonimamente. Outras ainda preferiram não relatar para mim, embora suas trajetórias sejam de conhecimento de todos na EGO. Por esta razão, mencionarei neste artigo somente trechos de relatos de vida daqueles que não opuseram nenhuma restrição à citação dos mesmos, preservando, contudo, o anonimato dos seus nomes.

8. Espaço coletivo para passar a noite.

9. Corresponde aproximadamente ao que, no Brasil, chamaríamos de pensão barata, onde a pessoa pode alugar um quarto por um período de um mês. No caso da França, o aluguel pode ser pago por uma ONG ou pelo próprio usuário.

10. Esta residência aproxima-se também, no Brasil, de uma pensão barata que aluga um quarto por um período de um dia ou até uma semana. O aluguel pode, igualmente ao “hôtel au mois”, ser pago por uma ONG ou pelo próprio usuário.

11. Baccalauréat é um título que os estudantes franceses recebem após terminar a formação escolar – Terminale – correspondente ao ensino médio no Brasil. Este título permite aos estudantes ingressarem em uma universidade, de acordo com uma especialidade – Letras, Economia, Ciências, etc.

Referências bibliográficas

- Association Espoir de la Goutte d'Or - *Rapport d'Activité*, 2004.
- BAILLEAU, Francis e FAGET, Jacques. *Les "experts" municipaux de la sécurité*. Origine, place et rôle dans la production locale de sécurité, rapport final. Institut des Hautes Etudes sur la Sécurité Intérieure, GRASS, Mai, 2004.
- BARRÉ, Marie Danièle e GODEFROY, Thierry. Le consommateur de produits illicites saisi par la police. In: *Questions Pénales, Bulletin d'information* – CESDIP, XIII.1, Janvier 2000.
- CASTEL, Robert. *L'insécurité sociale: Qu'est-ce qu'être protégé?* Editions La République des idées. Paris: Seuil, 2003.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. *L'espace public: Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*. Critique de la Politique. Paris: Éditions Payot, 1993.
- ION, Jack. *La fin des militants?* Collection Enjeux de société. Paris: Editions de l'Atelier, 1997.
- MERCKLÉ, Pierre. *Sociologie des réseaux sociaux*. Paris: Éditions La Découverte e Syros, 2004.
- MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, IUPERJ, RJ, 1999.
- _____. *Crime e violência no Brasil contemporâneo*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Júris, 2006.

Webgrafia

- Association Française pour la Réduction des Risques:
<http://www.a-f-r.org/rnrr/accueil.php>
- Lei francesa das associações:
<http://perso.orange.fr/association.1901/HTLM/droit>
- Lei francesa sobre drogas:
<http://membres.lycos.fr/caat/loi/loi.htm>

Resumo

Este artigo trata de uma reflexão sobre as práticas de redução de risco do uso de drogas adotadas pelos membros da Association Espoir de la Goutte D'Or localizada no norte de Paris. O trabalho desenvolvido por esta associação parece apontar para a necessidade de se incluir duas questões nas agendas institucionais de políticas públicas. De um lado, o questionamento que estas práticas impõem ao ideal de uma sociedade que se representa como republicana. De outro, a demanda de *acolhimento* por parte dos usuários de drogas.

Palavras-chave

Associativismo; Redução de risco; Uso de drogas.

Abstract

The experience of the Association Espoir de la Goutte D'Or in Paris is unique in reducing risk among drug users. Based on policies focusing on equality and non prejudice principles, its practice seems to put forward two main questions which should constitute the agenda of institutional public policies. Firstly, it raises the issue of the republican ideal of a society such as in France and others from similar tradition. Secondly, the demand of *accueil* among drug users.

Key-words

Associativism; Risk reduction; Drug use.